

## ULTRAPASSAGEM DE SI, CUIDADO DE SI: MORAL ENTRE FOUCAULT E HADOT

*Patrick Pallazini Ubida<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar o debate sobre a questão moral na filosofia francesa da segunda metade do século XX, evidenciando-o a partir das obras de dois autores: Michel Foucault e Pierre Hadot. Em um primeiro momento, apresentaremos a relação dos dois autores com a sua época, verificando em que medida seus trabalhos se deixam compreender como duas respostas diferentes aos problemas de seu tempo. Em um segundo momento, estudaremos mais de perto as críticas que Hadot faz à noção de “cuidado de si” em Foucault. Por fim, apoiando-nos nas análises de dois comentadores, esboçaremos algumas linhas de discussão resultantes do confronto entre os dois autores e os possíveis problemas que enfrentará a filosofia moral do século XXI.

**Palavras-chave:** História da filosofia contemporânea. Moral. Ética. Foucault. Hadot.

### OVERCOMING YOURSELF, CARING FOR YOURSELF: MORAL BETWEEN FOUCAULT AND HADOT

**Abstract:** This article aims to present the debate on the moral question in French philosophy of the second half of the 20th century, approaching it from the works of two authors: Michel Foucault and Pierre Hadot. In a first moment, we will present the relationship of the two authors with their time, verifying the extent to which their work can be understood as two different responses to the problems of their time. In a second step, we will study more closely the criticisms that Hadot makes to the notion of “care of the self” in Foucault. Finally, drawing on the analysis of two commentators, we will outline some lines of discussion resulting from the confrontation between the two authors and the possible problems that the moral philosophy of the 21st century will face.

**Keywords:** History of contemporary philosophy; Morals; Ethics; Foucault; Hadot.

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo geral analisar o debate filosófico sobre a moral na segunda metade do século XX, servindo-se das obras dos filósofos e historiadores franceses Michel Foucault e Pierre Hadot como material de análise. O presente trabalho se atribui como objetivos específicos, que serão trabalhados em três tempos: 1) delinear o contexto histórico da produção dos dois autores, assim como os problemas de seu tempo que puderam ter contribuído para motivar a “volta” à filosofia antiga; 2) analisar a questão Foucault-Hadot mais de perto; primeiramente por uma breve introdução aos trabalhos do último Foucault e, após, pela exposição da crítica de Hadot; 3) discutir a análise de dois comentadores do debate, ampliando o problema na dimensão histórica da questão moral na filosofia do fim do século XX; e, por fim; 4) delinear, a partir do confronto entre os autores, os possíveis problemas dos quais a filosofia moral

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pela Universidade Paulista (2015). Especialista em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2018). E-mail: patrickubida@gmail.com

do século XXI será herdeira. Assim, é da intenção do trabalho se inscrever na área de história da filosofia contemporânea.

### A “volta” à filosofia antiga

Primeiro, começaremos por analisar os motivos que os autores atribuem à própria “redescoberta” do mundo antigo. De acordo com Pierre Hadot, a motivação de Foucault em estudar a filosofia antiga, mais do que um mero interesse histórico-filológico, tratou-se de um verdadeiro interesse filosófico. Segundo Hadot, o fascínio de Foucault pelos antigos seria resultado de uma busca motivada pelo seu tempo. Tal motivação seria a de oferecer ao homem moderno uma nova maneira de se relacionar com a ética: “sua descrição das práticas de si (como, ademais, minha descrição dos exercícios espirituais) não concerne somente a um estudo histórico, mas quer implicitamente oferecer ao homem contemporâneo um modelo de vida” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 153). Um renascimento do problema da ética surge no contexto de um século XX assolado com alternativas que não pareceriam a Foucault interessantes. Dentre o individualismo burguês, a renúncia de si cristã e o comunismo soviético, o filósofo francês se volta à filosofia antiga para buscar um outro modelo, uma outra forma de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo – um novo *ethos*. Aqui um dos aspectos mais importantes que podem explicar a fascinação de Foucault pelo cuidado de si antigo: “ele não se apresentava como um princípio que deveria se impor a todos, um imperativo universal, mas como o objeto de uma escolha de vida eminentemente pessoal” (LARIVÉE apud STEPHAN, 2015, p. 37). Uma austeridade moral que não seja um código universal, uma que não queira decretar a submissão dos comportamentos de um mundo a um outro. Dos “elogios” feitos por Foucault à filosofia tal como entendida e praticada nos períodos helenístico e imperial, poderíamos enumerar um que aparece com bastante frequência: o elogio à *singularidade* da austeridade moral estoica. Analisaremos com mais detalhes a relação de Foucault com os antigos nas seções seguintes. Por agora, basta-nos isso: Foucault buscava na filosofia antiga uma resposta a um problema que vivia em seu tempo.

Hadot, por vezes qualificado mais como historiador do que como filósofo, também não esconde o seu interesse filosófico pelos escritos estoicos, platônicos e epicuristas. O seu principal interesse na filosofia antiga estaria principalmente atrelado ao que chama de “exercícios espirituais”. As obras antigas não teriam a intenção de informar o leitor acerca de um sistema de compreensão do mundo, mas sim a intenção de

*formar* o espírito de seus leitores (HADOT, 2006, p. 18). Para os estoicos (assim como para muitas outras escolas filosóficas da antiguidade), a noção de sabedoria (próprio de *philo-sophia*) seria “menos um saber puramente teórico do que um saber fazer, um saber viver, e reconheceremos a sua pegada na maneira de viver” (HADOT, 1998 p. 57, tradução nossa). A retomada moderna da filosofia como *arte de viver* seria de extrema importância para o filósofo, que não esconde em nenhum momento essa intenção: “eu creio sem hesitação, e talvez ingenuamente, na possibilidade, para o homem moderno, de viver [...] um exercício, sempre frágil, da sabedoria tripla na forma que definia, nós o vimos, Marco Aurélio” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 161).

Se em ambos os autores encontramos uma vontade de, através de seus trabalhos, responderem a uma questão da atualidade, também encontramos entre os dois outro traço em comum: uma certa hostilidade à modernidade filosófica, ainda que diverjam sobre os motivos dessa crítica e o próprio “marco histórico” que a separa da antiguidade. Há, na modernidade, para os dois autores, um movimento de *traição* dos ideais da filosofia antiga, um deixar de lado da filosofia enquanto *arte de viver*. Para Foucault, a filosofia antiga estaria marcada pela *espiritualidade*. Espiritualidade entendida aqui não como relação sobrenatural com o divino, mas como:

(...) o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc. que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade (FOUCAULT, 2006, p. 19).

A espiritualidade seria a consequência da concepção antiga de que, para o sujeito ter acesso à verdade, é preciso que ele se transforme. Ou seja: a filosofia seria uma maneira que o sujeito encontra de *cumprir* com a exigência da verdade, de tornar a si mesmo digno do direito à verdade. Segundo Foucault, o que teria ocasionado o afastamento da filosofia dessa matriz das “práticas de si” – as práticas e técnicas que o sujeito utilizaria como meio de transformar a si mesmo – teria sido o “momento cartesiano”. Atendo-nos aos objetivos aqui apresentados, não nos debruçaremos sobre essa questão de modo mais profundo.

Pierre Hadot, por sua vez, atribui também à modernidade filosófica uma característica negativa, embora diverja de Foucault em relação ao “momento” de corte com os ideais antigos. Para Hadot a grande “traição” dos ideais da filosofia antiga se localizaria na subordinação dessa última à teologia cristã (STEPHAN, 2015, p. 20).

Para sumarizar a discussão apresentada nessa parte: podemos concluir que o interesse dos dois autores na filosofia antiga é, mais do que histórico, *filosófico*. Ou seja, está intimamente relacionado com o período em que vivem. Este talvez o ponto principal que os une: um descontentamento com o estado atual da filosofia, a compartilhada intuição de que um retorno aos antigos se faz necessário, que a atualidade (a segunda metade do século XX) demanda uma resposta, um trabalho que tenha como interlocutor uma crise moral. Feito isso, perguntemos: mas qual é exatamente essa crise a qual estão tentando responder? A resposta dessa pergunta nos conduzirá a melhor compreensão das diferentes *posturas filosóficas*.

### **A crise do século XX**

Começaremos por analisar as motivações de Hadot. Lembrando-se das conversações e do curto contato que teve com Michel Foucault, Hadot escreve: Para Foucault, assim como para mim, tudo isso não era apenas objeto de interesse histórico. Em sua introdução à *L'usage des plaisirs* escreveria:

A análise – que deve se entender como exercício transformador de si mesmo mediante o impulso à verdade e não como apropriação simplificadora do outro com fins comunicativos – é o corpo vivo da filosofia, ao menos segue sendo na atualidade o que foi no passado, isto é, uma “ascese”, um exercício em relação consigo mesmo mediante o pensamento (HADOT, 2006, p. 252, tradução nossa).

Que a moral grega tenha desaparecido por completo, não restam dúvidas. Mas não é o interesse de Michel Foucault fazê-la renascer. Referindo-se aos últimos interesses de Foucault, diz Paul Veyne:

algum detalhe dessa moral, a saber, a ideia de uma certa tarefa de si sobre si, lhe parecia [a Foucault] suscetível de adotar um sentido atual [...] O si, considerando-se a si mesmo como uma obra a realizar, poderia ser fundamento de uma moral que tenha deixado de contar com o respaldo da tradição e da racionalidade” (VEYNE apud HADOT, 2006, p. 252, tradução nossa).

Tanto para Hadot quanto para Veyne, o interesse de Foucault na antiguidade estaria na possibilidade de encontro de uma fundamentação moral que se esquivaria dos universais do cristianismo e do moderno racionalismo, dos códigos de conduta, do

humanismo, e que se aproximaria de um tipo de “estética da existência” – a suposição de que a vida seria uma obra a qual o sujeito deve dar forma. Ao fim do curto texto, escreve Pierre Hadot:

Do mesmo modo que ele dedicou um importante esforço durante seus últimos anos de vida à realização de uma “estética da existência”, essa ideia antiga da filosofia como forma de vida, como exercício de sabedoria, como tarefa prática em relação com a tomada de consciência da totalidade, mantém para mim um valor indiscutivelmente atual” (HADOT, 2006, p. 252, tradução nossa).

Hadot interessa-se principalmente pelo “modelo ético que o homem moderno pode descobrir na Antiguidade” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 161). Mais uma vez, não se trata de imitar os antigos, o homem moderno não precisa adotar o discurso filosófico e místico dos antigos para praticar os seus exercícios espirituais. O discurso e as tentativas de explicação dos exercícios espirituais são, para Hadot, apenas “tentativas desajeitadas [...] de descrever e justificar experiências interiores cuja densidade existencial escapa, finalmente, a todo esforço de teorização e sistematização” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 161). Não é necessário acreditar na Razão ou na Natureza para praticar os exercícios espirituais. O que é verdadeiramente importante é, por meio de uma *prática* filosófica, aceder “à universalidade da perspectiva cósmica, à presença maravilhosa e misteriosa do universo” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 162). Os exercícios espirituais antigos podem oferecer ao homem moderno a possibilidade de reconectar-se com o cosmos por experiência direta, a possibilidade de libertar-se de sua própria subjetividade e aceder à tomada de consciência da totalidade.

Não podemos deixar de enfatizar a questão da *experiência direta*, tão cara a Hadot. Ao homem moderno, não resta a possibilidade de viver a sabedoria, mas um *exercício* dela. Sabedoria essa que não poderia se exercer senão “a partir da experiência vivida do sujeito concreto, vivente e percipiente” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 161). O homem moderno viveria, segundo Hadot, num estado de separação do cosmos, no qual a Natureza seria apenas um “pano de fundo”, uma caixa de ferramentas a ser explorada pelo Homem. A tal concepção se soma também o estado da filosofia moderna que, desde que subordinada pela teologia, perdeu a sua qualidade de *arte de vida*, de *terapêutica das paixões*, e passou a ser uma atividade intelectual que se ocupa de grandes questões metafísicas, uma espécie de luxo de intelectuais e de filósofos de cátedra. A crise da atualidade pela qual se interessa Hadot se caracteriza, segundo ele: 1) por um estado de

desconexão do homem consigo, com o cosmos e com os outros; 2) por uma considerável perda da arte de viver, do interesse filosófico pelos modos de existência, pelos exercícios espirituais, pela aspiração à sabedoria, à vida plena.

Passemos ao estudo do modo pelo qual Foucault concebe o seu trabalho em relação a sua época. Em uma entrevista intitulada “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”, Foucault, quando perguntado sobre a sua mudança de interesse da análise do poder e das instituições coercitivas (psiquiatria, o sistema penitenciário, por exemplo) para a filosofia antiga e a “estética da existência”, surpreende os entrevistadores dizendo que nunca houve tal “mudança”, mas que se interessou e continua se interessando pelo problema do sujeito. Mais precisamente, pela relação entre o sujeito e os jogos de verdade. Tal relação “havia sido até então examinado por mim a partir de práticas coercitivas – como no caso da psiquiatria e do sistema penitenciário –, seja nas formas de jogos teóricos ou científicos – como a análise das riquezas, da linguagem e do ser vivo” (FOUCAULT, 2004, p. 264). Não houve mudança de problema, mas apenas deslocamento de ponto de vista. Se antes Foucault analisava como o sujeito era formado e tecido pelas práticas coercitivas, agora analisa o que chama de “práticas de si” – uma espécie de *ascese*, “dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (FOUCAULT, 2004, p. 265).

Mas o que é que levou Foucault a se interessar pela filosofia antiga? O que é que vê nessas tecnologias e práticas de si? Para responder a essa questão, faz-se necessário observar atentamente os comentários que Foucault presta à filosofia antiga. No texto “O cuidado de si”:

não se encontrará, nos filósofos, projeto para uma legislação coercitiva e geral dos comportamentos sexuais; eles incitam a mais alta austeridade os indivíduos que queiram levar uma outra vida que não aquela “dos mais numerosos”; não procuram quais as medidas ou os castigos que poderiam coagi-los todos a isso, de maneira uniforme” (FOUCAULT, 1985, p. 46).

Não nos é difícil compreender a fascinação de Foucault pelas práticas de si antigas. A filosofia antiga interessa principalmente pelo que *não* faz: a produção de uma legislação coercitiva e geral, uma moral uniforme, uma universalização da lei dos comportamentos sexuais. Conhecido é a muitos estudiosos de Foucault o repúdio do filósofo a noções como “Razão”, “História”, “Natureza”, “Homem”. Repúdio a todo

universalismo, a toda tentativa de compreender a história como jogo de ausências e presenças dessas categorias universais. Embora nos interesse saber qual a precisa relação de Foucault com a produção científica e filosófica de sua época, iremos nos deter nesses breves comentários. Para os fins deste artigo, o importante é pensar a relação de Foucault com as “práticas de si” como uma *alternativa* à “forma universal da lei” (FOUCAULT, 1985, p. 72), como um modo de subjetivação que escape ao rigor dos essencialismos da Natureza, modo de viver que seria caracterizado por uma certa “estética da existência”, uma ferramenta que o sujeito possui de constituir a si mesmo *e, ao mesmo tempo*, sem incorrer numa vontade de submeter todos os indivíduos a essa mesma lei. Na entrevista “Uma estética da existência”, afirma Foucault:

Esta elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, ainda que obedecendo certos cânones coletivos, estava ao centro, me parece, da experiência moral, da vontade moral na Antiguidade, enquanto que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assume muito mais a forma de um código de regras (FOUCAULT, 1984, p. XI).

Para Foucault, a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está em processo de desaparecimento (FOUCAULT, 1984). O seu projeto de busca de uma estética da existência se refere a uma resposta a essa ausência de moral. Uma existência bela, a vida vivida como uma obra de arte pessoal em contraposição à experiência moral como código de regras universais.

Sumarizando a relação de Foucault com a crise moral de seu tempo, poderíamos apontar: 1) o interesse na filosofia antiga se justifica pela busca de um modelo de uma moral que evite o transcendental e o universal; 2) o projeto da estética da existência seria uma contraposição direta à falência da moral como obediência a um código de regras universais; 3) Foucault vê no cuidado de si (*epiméleia heautoû*) a possibilidade dos sujeitos escaparem – se não por completo, pelo menos adquirirem uma certa distância – dos dispositivos de subjetivação dominantes, caracterizados pela marca do universal e do transcendente.

### **Cuidado de si, ultrapassagem de si**

Feita essa breve introdução sobre a relação dos dois filósofos com as discussões de seu tempo e com a filosofia antiga, adentremos no debate específico. Escrevemos

debate, mas, infelizmente, o que se tem é uma crítica<sup>2</sup> unilateral, uma vez que o diálogo fora interrompido pela morte prematura de Michel Foucault. Começamos apresentando a crítica de Pierre Hadot.

Hadot verifica, entre sua própria obra e a de Foucault, mais do que apenas uma distinta interpretação, uma diferença de *opção filosófica* (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 149). Em linhas gerais, a crítica é simples: “a descrição que M. Foucault dá àquilo que eu nomeara “exercícios espirituais”, e que ele prefere chamar de “técnicas de si”, está demasiadamente centrada no “si”, ou, ao menos, sobre uma certa concepção do si” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 149). A diferença, para Hadot, está principalmente nos diferentes usos que os autores fazem dos estoicos. Servindo-se dos mesmos autores dos quais se serve Foucault (Epicteto, Marco Aurélio e Sêneca), Hadot aponta o que seria uma *omissão* por parte de seu contemporâneo. Que omissão seria essa? Na filosofia antiga haveria três exercícios fundamentais que buscariam preparar o sujeito para três dimensões da sabedoria: a paz espiritual (*ataraxia*), a liberdade interior (*autarkeia*) e a grandeza de alma (*megalopsuchia*) (HADOT, 2006, p. 254). Segundo Hadot, Foucault teria suprimido de sua reflexão sobre a filosofia antiga o terceiro aspecto da sabedoria: a *megalopsuchia*, a consciência cósmica, o esforço do filósofo por deixar a sua individualidade passional e aceder à perspectiva da Razão universal. “O sentimento da pertença a um Todo me parece ser o elemento essencial: pertença ao Todo da comunidade humana, pertença ao Todo cósmico” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 154).

Hadot não chega a negar o que diz Foucault acerca da *arte de viver*, que a filosofia antiga se caracteriza, antes de tudo, como um modo de vida. A discordância se dá precisamente nos fins dessas “tecnologias de si”. Para Foucault – ainda segundo Hadot – essas práticas teriam por fim a constituição desse “si”, um modo que o sujeito tem de tomar a si mesmo como obra de arte, isto é, *pessoal*, a vida como algo ao qual o indivíduo precisa dar forma. O problema, segundo Hadot, está precisamente nesse exagero em relação ao *si*.

Este movimento de interiorização é inseparavelmente solidário a um outro movimento, no qual se eleva a um nível psíquico superior em que se encontra um outro

---

2 HADOT, P. Reflexões sobre a noção de “cultura de si”. In: STEPHAN, C. **Michel Foucault e Pierre Hadot: um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo**. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba; HADOT, P. *Diálogo interrompido con Michel Foucault: acuerdos y desacuerdos*. In: \_\_\_\_\_. *Ejercicios espirituales y filosofía antigua*. Madrid: Siruela, 2006.



tipo de exteriorização, uma outra relação ao exterior, uma nova maneira de estar-no-mundo e que consiste em tomar consciência de si como parte da Natureza, como parcela da Razão universal” (HADOT apud STEPHAN, 2015, p. 159).

O exercício estoico, para Hadot, não teria como busca a constituição de si, o forjar de uma identidade, uma dimensão estética da existência desligada do bem comum e da Razão universal. O estoico não é aquele que cultiva a si mesmo, mas aquele que *ultrapassa*<sup>3</sup> a si mesmo (HADOT, 2006), aquele que se *libera* de sua própria individualidade.

Embora o conteúdo da discussão nos interesse, é preciso não nos deixar levar por ela. Isto é, não é de nosso interesse julgar se a crítica de Hadot está de fato fundamentada ou não. Interessa-nos utilizar os elementos dessa discussão, desse jogo de trocas e empréstimos que um autor fez do outro, para recolocar a questão do debate filosófico sobre a moral na segunda metade do século XX.

### **O século XX e a questão do universal**

Ampliemos um pouco a nossa visão do debate. Para isso, iremos nos servir dos textos de dois comentadores de Hadot e Foucault, o artigo de John Sellars e a dissertação de Cassiana Lopes Stephan. Aqui, a questão principal nos parece ser: o si e o universal são inconciliáveis? Estariam essas duas categorias amarradas a um destino de oposição uma contra a outra?

Segundo Cassiana Lopes Stephan, haveria entre os dois autores discordâncias na dimensão ética, estética e política (STEPHAN, 2015, p. 4). A suposição que tenta defender é a de que Hadot “aproximaria a filosofia estoica do platonismo e do neoplatonismo, ao passo que Michel Foucault aproximaria o estoicismo do cinismo” (STEPHAN, 2015, p. 5). Foucault teria a tendência de se distanciar da transcendência platônica, de toda ideia de diluição do sujeito num Todo que o ultrapassa. Para Stephan, a leitura hadotiana do estoicismo antigo estaria ligada ao seu interesse pelo platonismo e neoplatonismo, caracterizando sua interpretação como transcendental, ao passo que a leitura de Foucault dos estoicos seria imanente. A idade de ouro do cuidado de si, segundo Foucault, seria caracterizada pela desarticulação entre as práticas éticas e os liames da

---

3 A expressão empregada por Hadot, em francês, é *dépassement de soi* (STEPHAN, 2015, p. 160).

razão transcendental (STEPHAN, 2015, p. 36). O si e o cosmos restam categorias inconciliáveis.

Para John Sellars, por outro lado, as obras dos dois autores não seriam contraditórias e excludentes, mas complementares (SELLARS, 2020, p. 15-16). Para o autor, o curso “A hermenêutica do sujeito”, de Foucault, publicado em 2001, isto é, depois das considerações críticas de Hadot, aproximaria mais os pontos de vista dos dois autores. Analisando o uso que faz Foucault das *Quaestiones naturales* de Sêneca, Sellars vê em Foucault uma espécie de reaproximação com o universal, logo que comenta a divisão de Sêneca da filosofia entre a que se ocupa dos homens (*ad homines spectat*) e a que se ocupa dos deuses (*ad deos spectat*) (FOUCAULT, 2006). Mais especificamente:

É, portanto, esta fuga em relação a si mesmo, no sentido de que lhes falava há pouco, que o conhecimento da natureza poderá assegurar. Em segundo lugar, o movimento que nos conduz ao ponto de onde vem a luz é o que nos conduz a Deus, não entretanto sob a forma de uma perda de si mesmo em Deus ou de um movimento que nele se aniquilaria, mas sob a forma que nos permite encontrar-nos, diz o texto, “*in consortium Dei*”: em uma espécie de co-naturalidade ou de co-funcionalidade em relação a Deus. Isso significa que a razão humana é da mesma natureza que a razão divina” (FOUCAULT, 2006, p. 335-336).

Após tal comentário, Foucault toma os devidos cuidados para afastar a compreensão desse exercício estoico de uma espécie de transcendência platônica. “Enquanto o movimento platônico consiste em nos afastarmos deste mundo para olharmos em direção a um outro [...] o movimento estoico definido por Sêneca é de uma natureza inteiramente outra” (FOUCAULT, 2006, p. 337). Foucault caracteriza o *in consortium Dei*, portanto, como o adotar de uma perspectiva do alto em relação ao mundo, de modo que o indivíduo consiga desprezar os falsos esplendores forjados pelos homens (FOUCAULT, 2006, p. 338). O movimento de exteriorização e de “fuga de si” está, portanto, subordinado a um novo movimento de interiorização, a uma melhor constituição de si.

Pela breve análise dos dois comentários acerca da questão Hadot-Foucault, podemos constatar que, ainda que haja uma tentativa de harmonização entre as duas visões – uma ultrapassagem de si baseada na experiência direta do indivíduo em Hadot e um cultivo de si construído também a partir de técnicas de “fuga de si” em Foucault – não podemos deixar de notar a tensão presente, tanto nos autores como nos comentaristas,

naquilo que se refere à contraposição entre o *si* e o *cosmos*. E é para esse aspecto da discussão que gostaríamos de chamar a atenção em nossa conclusão.

## Conclusão

Pensamos que o debate Foucault-Hadot, mais do que uma casualidade filosófica, contribui para evidenciar um quadro da questão moral no fim do século XX com consequências para tempos vindouros. Ambos os autores, em suas respectivas obras, se depararam com a questão da atualidade e se esforçaram por apresentar uma resposta aos problemas de suas épocas. A busca de Foucault pelos antigos poderia ser pensada como a busca de uma inspiração para a formulação de uma *estética da existência*, a filosofia como uma forma de vida na qual o sujeito constitui a si mesmo como obra de arte; ao passo que, para Hadot, a volta à filosofia antiga, mais do que simples curiosidade histórica, estaria fundada na possibilidade do homem moderno ter uma “experiência oceânica” (SELLARS, 2020, p. 11) de unidade com o Todo, uma superação da moderna concepção da natureza como uma espécie de “cenário” para o Homem, personagem principal da peça.

Surgem da tensão entre os dois autores (bem como dos comentaristas dessa discussão) algumas questões latentes que demandariam trabalhos inteiros para serem respondidas: o universal ainda teria alguma validade na discussão sobre a moral? Seria o fim do século XX a época da morte dos universais (Razão, Natureza, Cosmos, Deus)? E o que viria a substituí-los? A “desconfiança frente a um rosto de areia” (SEPE, 2013, p. 29) de Foucault (que, é preciso dizer, não se trata apenas de uma peculiaridade do filósofo francês, mas marca de uma tradição que remonta pelo menos a Nietzsche), não admitindo nenhum universal, poderia apresentar à modernidade a solução para uma crise moral? A adoção da perspectiva do Todo – defendida por Hadot – estaria condenada a repetir o seu passado de dominação, adestramento e domesticação dos homens? Permanecerão o si e o cosmos nessa oposição?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. In: Ditos & Escritos V- Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. Une esthétique de l'existence. [Entrevista concedida a] A. Fontana. *Le monde*, Paris, 15-16 julho 1984, p. XI. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://files.philoethos.webnode.pt/200000086-4b9ae4bf4e/estetica.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- HADOT, P. *Ejercicios espirituales y filosofía antigua*. Madrid: Siruela, 2006.
- HADOT, P. *¿Qué es la filosofía antigua?*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- HADOT, P. Reflexões sobre a noção de “cultura de si”. In: STEPHAN, C. Michel Foucault e Pierre Hadot: um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- SELLARS, J. *Self or Cosmos: Foucault versus Hadot*. In: FAUSTINO, M; FERRARO, G. *The Late Foucault: Ethical and political questions*. Londres: Bloomsbury, 2020.
- SEPE, F. *Pensar para além-do-homem: crítica ao humanismo em Michel Foucault*. Griot, Amargosa, v.8, n.2, p. 24-40, dezembro/2013.
- STEPHAN, C. Michel Foucault e Pierre Hadot: um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.